

Transporte urbano: relatos de um condutor¹

Anderson Stevanin²

Resumo:

Este trabalho se constitui na apresentação dos relatos, baseados na minha experiência como condutor e no cotidiano dos trabalhadores do transporte urbano. É baseado em fatos verídicos vividos por mim e em situações que aconteceram com alguns colegas condutores do transporte coletivo. A minha principal inspiração para escrever estes relatos foi a entrevista do Sr. Januário, que assisti no documentário “Peões” durante uma aula do curso. O objetivo desta monografia é observar o comportamento e as atividades diárias dos trabalhadores do transporte urbano, bem como os seus usuários, de forma a explicar aos leitores sobre o cotidiano e as dificuldades dos trabalhadores do transporte urbano.

Palavras-chave: Transporte urbano. Transporte coletivo. Condutores. Relatos cotidianos.

¹ STEVANIN, Anderson. **Transporte urbano: relatos de um condutor**. 2019. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso – Escola Dieese de Ciências do Trabalho.

² Cientista do Trabalho pela Escola DIEESE de Ciências do Trabalho.

AMIZADE

Entre as confissões, a que mais me chamou atenção e mexeu com os meus sentimentos, foi a de um garoto, que na época tinha apenas sete anos de idade, e se chamava João (nome fictício), ele morava em uma das chácaras do condomínio Vale do Sol, no qual fazia parte do itinerário! A chácara era de seus avós paternos, com quem João morava na casa da frente, e na casa dos fundos, seu pai, madrasta e sua meia irmã.

Jamais me esqueci do meu primeiro contato com João. Ele estava em frente a chácara onde morava, na companhia de sua avó, e quando parei o ônibus para que ele pudesse entrar, cumprimentei sua avó, e ao cumprimentá-lo com um bom dia, não me respondeu! Ficou de pé atrás de mim, e segundos depois me pergunta: você é o novo motorista? Quando respondo a ele que sou o novo motorista, imediatamente diz que não gosta de mim, digo a ele que gosto dele, e ficamos alguns minutos assim.

E desta forma foi meu primeiro contato com João. Dizem que tudo na vida tem um propósito, e quis Deus que eu entrasse na sua! Se tornou entre as crianças a que eu mais tinha carinho, não que eu tenha desprezado as outras, é que sua história de vida merecia uma atenção especial, principalmente por sua pouca idade.

Os dias foram se passando, fui conquistando sua confiança e amizade, a ponto de todos os dias ele entrar no ônibus com um pedaço de bolo para mim. A partir daquele momento, virou hábito também contar-me a cada dia um pouco de sua história de vida. Momento forte que me fez refletir muito, foi quando me disse que sua mãe o tinha abandonado. Comecei a questionar sobre sua mãe, para que eu pudesse entender mais sobre sua vida, e talvez dar-lhe algum conselho, contou me que sua mãe morava em São Bernardo do Campo, e pouco ligava para ele. Dizia também que não gostava da sua meia irmã, ele o achava chata.

Já próximo das férias escolar de julho, João entra no ônibus pela manhã como de costume, entrega a mim um pedaço de bolo, e pede para sentar no banco que fica atrás do motorista, pois precisava falar comigo. Digo que sim, claro! Quando me diz que sua mãe ligou para convidá-lo para passar as férias

em sua casa, antes de eu esboçar minha alegria com aquilo que estava me contando, disse que “ela me convidou, mas eu não vou!” Pergunto, por que você não quer ir? Repete o que já havia me dito anteriormente, que a mãe o abandonou e não gostava dele!

Digo a ele: João, nós adultos temos muitas preocupações, o trabalho consome grande parte de nosso dia, ainda mais sua mãe que mora em uma cidade grande e tudo é longe! Isso nos tira muitas vezes o que temos de mais valioso na vida, a família! Quem garante para você que quando sua mãe chega do trabalho não tem vontade de ligar para falar com você? E só não liga porque sabe que você já está dormindo para acordar cedo no dia seguinte! Eu tenho certeza que sua mãe gostaria de ter você morando com ela, mas a correria que ela deve ter no trabalho, você teria que ficar a maior parte do dia sozinho, deixando-a preocupada, por isso ela prefere que você fique com seus avós, que cuidam muito bem de você, deixando-a mais tranquila!

As férias se aproximando e vejo a aflição de um garoto de dez anos, tendo que tomar uma decisão, talvez a mais importante da sua vida. No dia seguinte entra no ônibus, me entrega o pedaço de bolo, mas não me cumprimenta como de costume, passa a catraca e vai sentar-se no fundo do ônibus. Notando suas atitudes e sabendo o que estava o afligindo, eu o chamo e pergunto: está tudo bem? Ele me responde que sim! Não quer falar comigo, não quer ficar aqui na frente para conversarmos? Ele pula a catraca, senta-se atrás de mim, e fica em silêncio!

Pelo retrovisor observo seu semblante, de alguém que precisa tomar uma importante decisão, mas está com medo de errar! Pergunto a ele: você é meu amigo e confia em mim? Ele me diz que sim! Após sua resposta positiva, peço a ele que venha até mim e me beije, percebo que os outros alunos que estão próximos, todos com a mesma idade, ficam esperando sua ação, e quando ele me beija dois ou três deles faz um comentário para todo ônibus, ele beijou homem! Imediatamente digo a eles: pode parar, tenho idade para ser pai de vocês, os meus filhos são mais velhos que vocês, ele beijou um amigo que ele gosta! Vocês gostam de mim, e me consideram um amigo de vocês? Ao dizerem que sim, peço que todos venham me beijar, sem fazer ideia que daquele dia em diante, aquilo se tornaria hábito.

No terceiro dia após o início de nossa conversa, sobre ir ou não passar as férias na casa de sua mãe, ele chega mais tranquilo comparado ao dia anterior. Aproveitando a situação, digo a ele para dar um voto de confiança a sua mãe, que aceite o convite de passar as férias em sua casa, pois só assim você saberá se sua mãe te ama. Faço com que me prometa que vai, e ao retornar das férias me contar tudo.

Chega as férias, e agora sou eu quem fico ansioso para saber se ele foi ou não. Mesmo tendo feito com que me promettesse que iria, em uma ida ao centro da cidade para resolver problemas particulares, encontro seus avós, e pergunto sobre o João. Soube através deles que ele estava em São Bernardo do Campo, na casa de sua mãe! Sou surpreendido quando ela prossegue e me diz: o senhor não faz ideia de quanto meu neto gosta de você! Emocionado, agradeço suas palavras, isso é reflexo da educação que recebe em casa.

Trinta dias se passam, enfim as aulas retornam. Confesso estar muito ansioso para reencontrar as crianças e principalmente o João, quero saber se de alguma forma pude ajudá-lo. Quando ele entra no transporte, vem em minha direção, me cumprimenta muito feliz, agradece por eu ter insistido para ele com sua mãe. Me diz que foi passear em sua casa, que se divertiram muito, e sua mãe lhe disse, que ele era a coisa mais valiosa desse mundo, que o amava imensamente.

Você não faz menção da felicidade que eu fiquei naquele momento de saber que, de alguma forma, ajudei uma criança a tirar dúvidas sobre os sentimentos de sua mãe para com ele, e eu com certeza ganhei mais um amigo e uma linda e inocente história que jamais esquecerei.

O ATESTADO

Em meados de 2011, época em que eu trabalhava no interior de São Paulo, mais precisamente na cidade de Indaiatuba, exercendo a profissão de motorista de ônibus, na empresa Guaianazes, enquanto minha esposa com minhas duas filhas recém-nascidas, gêmeas, moravam na capital paulista. Eu tinha uma escala fixa durante a semana e aos sábados era escalado para trabalhar em uma das linhas que a empresa tinha na cidade, escala essa que era colocada no quadro de avisos sempre nas sextas-feiras pela manhã. Folgando sempre aos domingos, você deve estar se perguntando, por que cidade?

Pois a linha na qual eu trabalhava durante a semana de nome Mirim, ficava em uma região rural na própria cidade de Indaiatuba. Minha função como motorista era trazer essas crianças para as diversas escolas na área urbana e vice-versa, crianças de diferentes idades que variavam de quatro anos, quando se inicia o pré-primário, até treze anos, já concluindo o ensino fundamental, não esquecendo os pais que se utilizavam do mesmo transporte, para irem ao trabalho, médicos, compras, trabalho que eu fazia com imensa satisfação. Para aquelas crianças meu trabalho era muito valorizado.

Enfim, com essa rotina de trabalho, só ia para minha casa em São Paulo, apenas uma vez por semana, tempo muito curto, para eu ficar com a família, e curtir minhas gêmeas recém-nascidas. Já na mente do capitalista, isso não tem importância alguma. Em uma determinada semana quando já me preparava para ir para casa ver minha família, fui solicitado a colaborar com a empresa nas minhas folgas, que eram sempre aos domingos, visto que o quadro de motorista estava incompleto. Acabei fazendo um acordo verbal, no qual colaboraria com a empresa, trabalhando uma folga sim, e outra não.

Com esse acordo minhas idas para casa só aconteceriam de quinze em quinze dias, e passados alguns meses nesta situação, as meninas estavam crescendo a cada dia, e entendendo, ou talvez, sentindo a minha ausência. Estava começando meu primeiro problema. Em um final de semana que eu estava fisicamente presente com minha família. Em conversa com minha esposa, sobre as dificuldades, pois ela estava cuidando de duas recém-

nascidas e trabalhando fora, ela com um tom de medo misturado com desespero, pediu que eu voltasse com mais frequência para casa, pois a caçula das gêmeas estava tendo um comportamento estranho. Sempre que eu voltava ao trabalho na cidade de Indaiatuba, e, começou me detalhar alguns comportamentos que ela (gêmea) apresentava na minha ausência.

Ao retornar para o trabalho fui imediatamente à minha chefia explicar o que estava acontecendo, informando que não mais poderia colaborar trabalhando nas minhas folgas, pelo menos por algum tempo, pedindo para que fosse escalado aos sábados no primeiro horário, para que assim eu pudesse parar mais cedo e em seguida ir para casa em São Paulo, ver minhas filhas e esposa.

Agora vem o meu segundo e mais frustrante problema: na sexta-feira pela manhã. Como de costume de todos os motoristas do escolar, fui ao quadro de avisos para me certificar do horário e linha em que na qual iria trabalhar no sábado, e se meu pedido havia sido atendido. Para minha surpresa e decepção estava escalado no último horário com previsão de parada uma hora da manhã já do domingo. Imediatamente fui à sala da pessoa responsável em fazer a escala do final de semana questionar sobre minha escala, visto que já havíamos conversado sobre a situação na qual eu me encontrava. Ele com total descaso e pouco se importando com os problemas dos funcionários, foi logo me dizendo que era o que dava para ser feito. Vendo sua arrogância e superioridade, simplesmente respondi ok e saí da sala, determinado a não mais trabalhar naquele dia.

Achava aquela situação humilhante uma tremenda falta de respeito, pois nunca havia me negado a ajudar independentemente do dia ou da hora. Por quantas vezes fui acordado na madrugada por meu pai, me dizendo:

– Anderson, telefone para você é da garagem.

Ao atender era automático: Stevanin era como todos me chamavam.

– Precisamos da sua ajuda, o motorista do primeiro carro acabou de nos ligar informando que não está bem! Você pode quebrar o galho para nós? A partida é quatro horas!

Eu sonolento perguntava:

– Que horas é agora?

Me respondiam:

– Três horas!

Eu respondia que tudo bem, e pedia para que alguém viesse me buscar em casa, enquanto eu tomava um banho para acordar.

Aquela situação mexia com todos da casa. Meu pai levantava para atender o telefone, e pensando que era notícia ruim, pois quem liga para casa de alguém, três horas da madrugada? Minha mãe algumas vezes tinha que passar meu uniforme, pois éramos pegos de surpresa. Mas nunca me recusei a ajudar, e talvez tenha sido esse o principal motivo pelo qual sempre que eles precisavam de alguém, me ligavam.

Saí da sala e fui logo entrando no ônibus que estava parado. O mesmo fazia a linha do distrito industrial onde fica a garagem até o centro da cidade. Ao me ver dentro daquele ônibus e já deduzindo o que teria acontecido, o funcionário que tem a função de escalar motoristas e cobradores no decorrer do dia, veio em minha direção, entrando no ônibus que eu já estava, me questionando:

– O que você está fazendo aí?

Respondi que devido à falta de respeito com os funcionários, em especial comigo, não iria trabalhar mais naquele dia! Logo pedi para que eu descesse do ônibus, e em seguida foi me dizendo que se caso eu levasse minha ideia à diante, que não teria outro motorista para colocar em meu lugar. Respondi que faria por ele e as crianças que já estavam na escola, e que passaria em consulta para pedir um atestado médico de alguns dias. Saí da garagem conduzindo o ônibus que eu trabalhava normalmente com destino a rodoviária, no intuito de estacioná-lo por lá, visto que a empresa tinha um espaço destinado aos seus ônibus, e em seguida ir para a clínica médica que ficava na rua ao lado. E assim o fiz.

Chegando à clínica fui em direção a recepção, e perguntei à recepcionista se naquele momento teria algum médico para que pudesse me atender. A mesma imediatamente me disse que sim, que era um clínico geral. Solicitou meus documentos, fez minha ficha, e pediu para que eu aguardasse, pois em breve o médico me chamaria. Aproximadamente dez minutos depois sou chamado pelo médico em seu consultório.

– Por favor senhor Anderson, sente-se... o que você está sentindo?

Neste momento fui curto e grosso:

– Doutor preciso de um atestado de quatorze dias!

Ele espantado me diz:

– Como assim? Não posso fazer isso!

Nesse instante dou um tapa com as duas mãos em sua mesa, me levantando rapidamente e com as pernas projeto a cadeira na qual estava sentado para trás. No momento em que já estou em pé, e o médico sentado e assustado com minha atitude, eu olhando em seus olhos, como se estivesse dizendo a ele “o que viesse a acontecer daquele momento em diante, ele seria o culpado”, em seguida lhe falo:

– Estou indo para a rodoviária onde tem um ônibus à minha espera. Quando o mesmo estiver lotado, vou entrar com ele em um poste, matando uns vinte passageiros e deixando outros machucados.

O médico automaticamente pede para que eu me sente, e já tira de uma das suas gavetas da mesa, um receituário com folhas azuis. Ao mesmo tempo em que preenche, vai me orientando como devo usar o medicamento:

– Você irá tomar somente antes de dormir. Vou lhe dar um atestado de quatorze dias. Passando esse período, caso o senhor não esteja se sentindo melhor, volte que lhe darei mais quatorze dias.

Voltei para a rodoviária e terminei meu dia de trabalho com a mesma responsabilidade, dedicação e respeito com as crianças e pais que eu transportava. Honrando minha palavra com o companheiro de trabalho, ao chegar na garagem no término de minha jornada, pedi para que um companheiro tirasse uma xerox do meu atestado, entregando-lhe o original.

Infelizmente algumas vezes temos que tomar atitudes anormais para conseguir obter os direitos. Dessa vez tive que fingir um surto para que o médico pudesse entender o que eu estava passando naquele momento. Meu trabalho era de extrema importância, pois dele eu sustentava minha casa, porém, jamais poderia abrir mão da minha família.